

## A DIMENSÃO SUBJETIVA DA ARGUMENTAÇÃO E DO DISCURSO: FOCALIZANDO AS NOÇÕES DE *ETHOS* E DE *PATHOS*

Eduardo Lopes Piris<sup>i</sup>

**Resumo:** Este artigo trata da dimensão subjetiva da argumentação e do discurso, focalizando as noções de *ethos* e de *pathos*. Apresenta os pressupostos teóricos que fundamentam a abordagem integrada entre discurso e argumentação, recorrendo aos trabalhos de Plantin (1996), Amossy (2007) e Maingueneau (2011). Explana sobre a integração do *ethos* e do *pathos* retóricos aos quadros teóricos dos estudos discursivos, apoiando-se em Maingueneau (1997, 2005) e Charaudeau (2007, 2010). Mostra que *ethos* e *pathos* são noções indissociáveis tanto na retórica clássica, quanto nas modernas perspectivas dos estudos discursivos e argumentativos. Discute a ligação do *ethos* e do *pathos* ao sujeito do discurso, ressaltando que essas noções são centrais para a abordagem integrada do discurso e da argumentação. Por fim, conclui que o modo de sentir (*pathos*) contribui para a construção dos modos de dizer e de ser (*ethos*), assim como a confiança no orador é um fator de persuasão produzido pela construção de estereótipos culturais axiologicamente valorizados por um determinado grupo social.

**Palavras-chave:** Discurso. Argumentação. *Ethos*. *Pathos*.

**Abstract:** This paper deals the subjective dimension of the argumentation and discourse, focusing on the notions of *ethos* and *pathos*. It presents the theoretical principles which support the integrated approach between discourse and argumentation, resorting to Plantin (1996), Amossy (2007), and Maingueneau (2011). It explains on the integration of the rhetorical *ethos* and *pathos* to the theoretical framework of the discursive studies, basing on Maingueneau (1997, 2005) and Charaudeau (2007, 2010). It shows that the *ethos* and the *pathos* are inseparable notions both in classical rhetoric and in the modern perspectives of the discursive and argumentative studies. It discusses the connection of the *ethos* and the *pathos* to the subject of discourse, observing that these notions are central to the integrated approach of the discourse and of the argumentation. Finally, it concludes that the manner of feeling (*pathos*) contributes to the constructions of the manner of enunciation and being (*ethos*), as well as the confidence in the orator is a factor of persuasion built by the discursive construction of cultural stereotypes axiologically valued by a particular social group.

**Keywords:** Discourse. Argumentation. *Ethos*. *Pathos*.

---

<sup>i</sup> Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Brasil. E-mail: [elpiris@uesc.br](mailto:elpiris@uesc.br).

## Introdução

A retórica é definida por Aristóteles como “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim [de] persuadir” (ARISTÓTELES, 1998, p. 48). Todavia é interessante observar como os estudiosos da retórica divergem em suas opiniões sobre o que vem a ser a própria natureza da retórica. Plebe e Emanuele (1992) dedicam um capítulo inteiro de seu *Manual de retórica* para desconstruir o que eles chamam de “o mito da argumentação”. Começam por apontar o que seria uma contradição na obra de Perelman, acusando-o de “fazer o mundo da retórica deslizar do plano lógico-filosófico para o plano meramente sócio-psicológico” (PLEBE; EMANUELE, 1992, p. 106) e, ainda, que:

Perelman constrói toda a técnica da argumentação visando ao que chama de “contato das mentes”<sup>1</sup>, o qual lhe assegura a meta de persuasão. Mas a persuasão e o contato das mentes são, na realidade, uma finalidade secundária ante o objetivo mais ilustre que, desde as suas origens, a retórica se impôs: a invenção e o desenvolvimento dos conceitos (p. 108).

Entretanto, o que os autores do *Manual de retórica* apontam como sendo um equívoco de Perelman é, justamente, o que nos parece ter sido a pedra de toque desse processo de revitalização da retórica na Modernidade: a restauração da dimensão subjetiva nos estudos retóricos. Nossa questão não é discutir sobre o caráter mais ilustre ou menos ilustre dos objetivos da retórica clássica, mas sim sublinhar que a arte retórica fora orientada, desde sua origem, em razão de uma intervenção concreta do indivíduo em seu meio social, por meio da linguagem, em que não se concebe a abordagem da invenção alijada de um “para quem inventar” e de um “para que inventar”, ou seja, da importância do

<sup>1</sup> Referência ao termo “contato dos espíritos”, tal como consagrado pela tradução do *Tratado da argumentação*.

papel do orador e do seu auditório na atividade argumentativa<sup>2</sup>.

Assim, diferentemente de Plebe e Emanuele (1992), Plantin (1996, p. 10) entende que o *Tratado da argumentação*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996 [1958]), e *Os usos do argumento*, de Toulmin (2006 [1958]), duas obras que recolocaram em cena os estudos retóricos, até então em desprestígio, embora apresentem horizontes teóricos distintos, são dotadas de um mesmo objetivo, pois seus autores “pesquisam, no pensamento argumentativo, um meio de fundar uma racionalidade específica, em favor das relações humanas”<sup>3</sup>.

Podemos dizer, então, que os trabalhos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996 [1958]) e de Toulmin (2006 [1958]) marcam o início da revitalização da abordagem de uma argumentação fundada sobre o verossímil, ou seja, uma argumentação que busca convencer seu auditório por meio da negociação e que destaca a dimensão intersubjetiva do discurso. Sob esse aspecto, Mosca (2007, p. 297) esclarece que:

O terreno da argumentação parte dos lugares-comuns, das idéias partilhadas, enfim, da doxa, mas o seu campo específico não é o das certezas, e sim do que é suscetível de discordância, visto abarcar a diversidade de opinião e o dissenso, em torno do objeto de discussão.

É importante dizer que estamos assumindo aqui uma perspectiva de trabalho voltada para a argumentação “enquanto fato de discurso, associada à prática da linguagem em contexto”, afastando-nos, portanto, de uma concepção de argumentação “enquanto

<sup>2</sup> Conforme Ruth Amossy (2008, p. 2), “a retórica clássica, definida como a arte de persuadir – [é], nesse sentido, sinônimo de argumentação”.

<sup>3</sup> No original: “Ils recherchent dans la pensée argumentative un moyen de fonder une rationalité spécifique, à l’œuvre dans les affaires humaines.” (PLANTIN, 1996, p. 10).

orientação dirigida a uma conclusão, em que se analisa a propriedade semântica da frase, considerada fora de contexto” (PLANTIN, 1996, p. 18). Trata-se, desse modo, de abordar a argumentação como uma dimensão do discurso, tal como postula Maingueneau (2011) ao dizer que:

[...] quando o analista do discurso se volta para a argumentação, não é com a intenção de estabelecer o modelo dos processos de validação, mas de relacioná-los a um gênero do discurso histórica e socialmente situado (p. 71).

Nessa mesma direção, Ruth Amossy (2007, p. 123) também situa a argumentação na dimensão sócio-histórica do discurso, ao defender uma perspectiva de estudo da argumentação no discurso “que relaciona a fala a um lugar social e a instâncias institucionais”. Assim, para a autora, a argumentação:

[...] depende das possibilidades da língua e das condições sociais e institucionais que determinam parcialmente o sujeito, fora dos quais a orientação ou a dimensão argumentativa do discurso não pode ser apreendida com discernimento (p. 128).

Desse modo, apresentamos esses pressupostos teóricos, procurando mais enfatizar os pontos em comum do que ressaltar as diferenças que existem entre os autores supracitados, para situar nosso trabalho na interface entre o discurso e a argumentação e para tecer nossas considerações acerca das noções de *ethos* e de *pathos*.

### **A integração do *ethos* retórico à Análise do Discurso**

Em sua *Retórica*, Aristóteles define três espécies de provas artísticas de persuasão fornecidas pelo discurso, afirmando que “umas residem no carácter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra

ou parece demonstrar” (ARISTÓTELES, 1998, p. 49).

Explica essa primeira prova da seguinte maneira:

Persuade-se pelo carácter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé [e que] é, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o carácter do orador (op.cit., p. 49).

Já a segunda prova consiste na disposição dos ouvintes, ou seja, nas emoções que o discurso os leva a experimentar, ao passo que a terceira prova deriva do que é construído por meio do próprio raciocínio. Essas três espécies de provas técnicas ou artísticas de persuasão correspondem mais especificamente aos termos *ethos* (ἠθος), *pathos* (παθος) e *logos* (λοδοζ).

Armando Plebe (1978, p. 42) alerta que *ethos* pode ser traduzido por “caráter” apenas de forma aproximada, pois *ethos* é também atitude, costume e moralidade. Nesse sentido, Ekkehard Eggs (2005) mostra que:

[há] dois campos semânticos opostos ligados ao termo *ethos*: um, de sentido moral [...], engloba atitudes e virtudes como honestidade, benevolência ou equidade; outro, de sentido neutro ou ‘objetivo’ da héxis, reúne termos como hábitos, modos e costumes ou caráter (p. 30).

Ao apresentar uma distinção entre as grafias *êthos* e *éthos*, Ferreira (2009, p. 1) mostra que o motivo dessa duplicidade de sentido em torno da palavra *ethos* deve-se mesmo a questões de tradução, todavia não se quer dizer que a opção por “caráter” ou por “costumes” deve ter surgido em razão de julgamentos equivocados dos tradutores, mas sim por existirem, realmente, duas palavras distintas que recobrem cada um desses termos traduzidos, a saber:

- ἦθος: com /e/ inicial longo significa “caráter” e “modo de ser”;
- ἔθος: com /e/ inicial breve significa “hábito” ou “costume”.

Neste fragmento oferecido pelo dicionário eletrônico da Perseus Digital Library, podemos notar a ocorrência dessas duas palavras numa mesma frase “[792e] τότε τὸ πᾶν ἦθος διὰ ἔθος”<sup>4</sup>, que pode ser traduzida como “... então, todo *êthos* é segundo um *éthos*”, ou seja, “... todo caráter/modo de ser é segundo o hábito”<sup>5</sup>.

Isso mostra que o *ethos* retórico deve ser entendido como uma construção do discurso que pode compreender tanto a dimensão moral, quanto a dimensão social do orador, em que não será necessariamente a própria honestidade do orador que lhe garantirá o sucesso persuasivo, mas sim a impressão que o seu discurso causar.

No que diz respeito à concepção moderna de *ethos*, Maingueneau (1997) integra o *ethos* retórico à Análise do Discurso, por meio de um duplo deslocamento:

- Distancia-se de qualquer preocupação “psicologizante”, para entender que os efeitos produzidos sobre o auditório “são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva” (op.cit., p.45).
- Recorre a uma concepção de *ethos* transversal à oposição entre o oral e o escrito, pois se concebe que mesmo os corpora escritos possuem uma voz e um corpo (idem).

<sup>4</sup> Plato. **Leges**. In: BURNET, John (ed). **Platonis Opera**. Vol.5, Oxford: Clarendon Press, 1907. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0165%3Abook%3D7%3Asection%3D792e>.

<sup>5</sup> Agradecemos os esclarecimentos dados por Moisés Olímpio Ferreira no que diz respeito à tradução do texto grego usado para essa ilustração, bem como à diferença entre as grafias *êthos* e *éthos*.

Em outros termos, os discursos, mesmo aqueles que se manifestam por meio de gêneros discursivos escritos, possuem um tom que, conforme Maingueneau (1997, p. 46-47), “está necessariamente associado a um caráter e a uma corporalidade”, que dão corpo ao enunciador. O tom aparece como a vocalidade que implica o corpo do enunciador, não o corpo do ser empírico, mas aquele que emerge do discurso como “uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador” (idem, 2005, p. 72).

Esse corpo, que provido de um tom, um caráter e uma corporalidade, garante a legitimidade<sup>6</sup> do discurso, porque suas qualidades apoiam-se em estereótipos culturais valorizados positivamente ou negativamente por um dado grupo social. E, como aponta Maingueneau (2005):

[...] esses estereótipos culturais circulam nos registros mais diversos da produção semiótica de uma coletividade: livros de moral, teatro, pintura, escultura, cinema, publicidade... (p. 72).

Isso quer dizer que um mesmo estereótipo pode servir de base à construção de *ethé* similares que podem manifestar-se por meio de um pronunciamento parlamentar ou de um editorial de jornal etc.

Graças à axiologização desses estereótipos culturais, a construção do *ethos* pressupõe a construção do *anti-ethos* ou de vários *anti-ethé*. Na acepção de Maingueneau (2005), é essa relação de antagonismo que sustenta a incorporação do *ethos*, um processo em que o coenunciador deve se ver como membro de “uma comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso” (op. cit., p. 73). Em outras palavras, a incorporação consiste no papel que a imagem do corpo do enunciador

<sup>6</sup> A legitimidade de um discurso não se confunde com a autoridade ou o prestígio social de que goza seu enunciador, mas tem a ver com a inscrição sócio-histórica de seu discurso a uma formação discursiva.

(*ethos*) cumpre no processo persuasivo, mas não o corpo restrito a uma compleição física, e sim um corpo dotado de caráter e de reconhecimento sociocultural.

Por estar ligada às estratégias de criação da benevolência do enunciador para com o coenunciador, a incorporação do *ethos* pode trazer o inconveniente de ser confundida com o *pathos*. Passaremos, então, à compreensão dessa segunda noção retórica integrada ao quadro da Análise do Discurso.

### Do estilhaçamento do *pathos* retórico às modernas perspectivas teóricas

A compreensão de *pathos* como algo ligado às paixões suscita, desde a Antiguidade, termos associados a essa noção retórica, tais como sentimento, emoção, estado de ânimo, humores. Mosca (2004) mostra:

Desde os filósofos gregos escreveu-se e pensou-se a respeito desses conceitos. Para os filósofos medievais, *passio*, *affectus* e *affectio* passaram a ser usados como sinônimos, alguns filósofos revelando preferência por um ou outro termo. Assim, Santo Agostinho atribuía as denominações de *affectus* e *affectio* à categoria mais ampla de movimentos da alma e a de *passio* à subcategoria de movimento da alma contrários à natureza (p. 130).

É possível notar, nesse excerto, que alguns termos ligados às paixões foram sendo empregados como sinônimos e que, da mesma forma, uma variedade de fenômenos foi, muitas vezes, recoberta por apenas um desses termos. Mas, se Mosca (2004) atribui a flutuação da terminologia a uma questão de preferência de cada filósofo por um ou outro termo, Plantin (2003) mostra que, na atualidade, cada termo pertence a uma determinada área de conhecimento:

[...] *sentimento* está inseparável das teorias filosóficas sensualistas do conhecimento; a predominância do componente psíquico do termo *emoção* é, em francês, uma evolução

recente, o componente comportamental (“movimento”) que era historicamente fundamental. Os *humores* estão enraizados na teoria médica das paixões; quanto à *paixão*, ela remete não somente às abordagens filosóficas da vida psíquica, mas também às teorias e às práticas dos alienistas (a palavra mudou de sentido com Esquirol, conforme Gauchet & Swain 1983); e para deixar mais complexo ainda o quadro, ela é utilizada em francês para traduzir o latim *affectus* dos tratados de retórica; ora esse termo corresponde a movimentos de emoções típicas, como a cólera (p. 111)<sup>7</sup>.

Considerando as paixões como objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento científico, podemos dizer que a tarefa de desfazer esse emaranhado de termos e fenômenos a eles correspondentes não cabe ao analista do discurso. Um trabalho como esse englobaria uma investigação da retórica clássica, dos estudiosos medievais – como Santo Agostinho, que legitimou o pensamento aristotélico no interior da Igreja Católica – e das descobertas da Modernidade, tais como as contribuições oferecidas pela Psicologia, pela Psicanálise e por outras ciências humanas. De fato, uma das primeiras preocupações da Análise do Discurso no que se refere às paixões deve ser a de definir o seu próprio objeto de estudo, ao invés de tentar categorizar fenômenos que sequer encontram lugar estabelecido em outras disciplinas.

<sup>7</sup> No original : [...] *sentiment* est inséparable des théories philosophiques sensualistes de la connaissance ; la dominance de la composante psychique du terme *émotion* est, en français, une évolution récente, la composante comportementale (“mouvement”) étant historiquement fondamentale. Les *humeurs* sont enracinées dans la théorie médicale des passions ; quant à *passion*, il renvoie non seulement aux approches philosophiques de la vie psychique, mais aussi aux théories et aux pratiques des aliénistes (le mot a changé de sens avec Esquirol, d'après Gauchet & Swain 1983) ; et pour complexifier encore le tableau, il est utilisé en français pour traduire le latin *affectus* des traités de rhétorique ; or ce terme correspond à des mouvements d'émotions typiques, comme la colère (PLANTIN, 2003, p. 111).

É com esse objetivo que Patrick Charaudeau (2010) propõe uma abordagem das emoções voltada unicamente à sua dimensão discursiva, ou, como prefere o autor, “linguageira”. Segundo ele, para um estudo linguageiro das emoções, é preciso afastar-se das perspectivas psicológica e sociológica, pois elas recaem, respectivamente, sobre o indivíduo e seu comportamento, e o comportamento humano no jogo de regras e normas sociais. Dessa forma, Charaudeau postula que uma emoção deve ser considerada como:

[...] sinal daquilo que pode acontecer ao sujeito a respeito do fato de que ele mesmo estaria em condições de reconhecê-lo como uma “figura”, como um discurso socialmente codificado que [...] lhe permitiria dizer “É realmente isso, o medo!” ou simplesmente “Tenho medo!” (p. 25).

Com base nessas considerações, Charaudeau (2010, p. 25-26) filia-se a uma perspectiva retórica das emoções, ao dizer que as emoções instauram-se por meio de “categorias de discursos que pertencem a diferentes ordens (*inventio, dispositio, elocutio, actio*), nas quais haveria [...] uma ‘tópica’ da emoção – uma ‘patemia’ [...], que seria constituída por um conjunto de ‘figuras’”. Ademais, Charaudeau (2010, p. 26) propõe, ainda, completar essa perspectiva retórica acerca das emoções no discurso com “uma teoria do sujeito e da situação de comunicação”.

Interessa-nos, neste momento, recuperar dois excertos da *Retórica*, em que Aristóteles define a segunda prova artística de persuasão fornecida pelo discurso, o *pathos*, ou as paixões<sup>8</sup>:

Persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio (ARISTÓTELES, 1998, p. 49).

As paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudança nas pessoas, fazem variar seus julgamentos (ARISTÓTELES, 2000, p. 5).

Do ponto de vista de uma teoria do discurso preocupada com a enunciação, o *pathos* é produzido por meio da enunciação de seu próprio discurso e pressupõe a interação entre os sujeitos desse ato enunciativo. Logo, o exame dos procedimentos persuasivos relativos à dimensão passional ou afetiva do discurso focalizará a instância subjetiva da enunciação, que se desdobra nas figuras do enunciador e do coenunciador.

Outro aspecto importante é que não se trata, pois, de abordar as paixões efetivamente experimentadas pelos indivíduos empíricos ditos de “carne e osso” nem de descrever estados físicos de invejosos, indignados ou coléricos, por exemplo, mas sim de compreender as paixões construídas no discurso. A esse respeito, Meyer (2000, L) afirma que “com muita frequência nos esquecemos de que a vida da paixão consiste em sua representação e expressão”. Não obstante, Charaudeau (2010) estabelece que:

A análise do discurso não pode se interessar pela emoção como realidade manifestada, vivenciada por um sujeito. Ela não possui os meios metodológicos. Em contrapartida, ela pode tentar estudar o processo discursivo pelo qual a emoção pode ser estabelecida, ou seja, tratá-la como um efeito visado (ou suposto), sem nunca ter a garantia sobre o efeito produzido (p. 34).

Bem entendido que estamos tratando das paixões construídas pelo discurso, é preciso compreender também que as paixões não podem ser depreendidas por aquilo que é

<sup>8</sup> Plebe (1978, p. 42) adverte que a tradução de *pathos* por “paixão” deve ser entendida de forma aproximada, já que *pathos* “não é ‘paixão’ no puro sentido de uma inflamada emoção, mas é o mundo todo da irracionalidade emocional”.

simplesmente dito. Por exemplo, o enunciado “estou confiante” pode ser dito em uma situação de ironia, em que o sujeito está querendo dizer “não estou nada confiante”; igualmente, o enunciado “estou com medo” pode ser usado para provocar um terceiro a uma discussão, despertando-lhe a raiva. Sobre isso, Herman Parret (1997, p. 112) afirma que “dar nome às próprias emoções, numa situação comunicativa, é às vezes uma sutil estratégia de engano e de manipulação”. Ademais, não é sequer necessário que uma paixão seja lexicalizada para que ela se manifeste na interação discursiva.

Nessa problemática acerca do *pathos*, é importante ressaltar que as paixões estão associadas aos valores e às crenças de uma comunidade discursiva:

A emoção pode ser percebida na representação de um objeto em direção ao qual o sujeito se dirige ou busca combater. E como estes conhecimentos são relativos ao sujeito, às informações que ele recebeu, às experiências que ele teve e aos valores que lhe são atribuídos, pode-se dizer que as emoções, ou os sentimentos, estão ligados às crenças (CHARAUDEAU, 2007, p. 241).

Em síntese, podemos entender que o *pathos* discursivo está vinculado a um conjunto de crenças compartilhadas e axiologizadas sócio-historicamente, ou seja, a um sistema de valores que determina o valor de cada paixão, conforme a circunstância em que ela é manifestada em uma dada sociedade e seu momento histórico. Projetam-se, assim, no discurso as imagens do sujeito – a de si e a do outro – apoiadas nas paixões determinadas por um dado contexto sócio-histórico como possíveis ou não possíveis de manifestar. Por exemplo, em uma democracia republicana de qualquer país do mundo, o discurso de um deputado acusado de corrupção deve manifestar veemente indignação; isso quer dizer que os sistemas de valores (da democracia republicana) impõem ao sujeito

enunciador (deputado acusado) que ele, no mínimo, manifeste e desperte em seu coenunciador (Parlamento, opinião pública etc.) uma determinada emoção (indignação) em resposta à injustiça que ele supostamente teria sofrido.

### ***Ethos* e *pathos*: duas noções indissociáveis**

Até o momento, abordamos, separadamente, as noções de *ethos* e de *pathos*, pois nosso objetivo foi o de apresentar apontamentos sobre as especificidades da integração de cada uma dessas noções aos quadros da Análise do Discurso. Tratemos, agora, da intersecção entre *ethos* e *pathos*, a qual já é dada na seguinte passagem do Livro I da *Retórica*, de Aristóteles:

Três são as causas que tornam persuasivos os oradores e a sua importância é tal que por elas nos persuadimos, sem necessidade de demonstrações. São elas a prudência, a virtude e a benevolência (ARISTÓTELES, 1998, p. 106).

Para Eggs (2005, p. 40), Aristóteles está se referindo a três razões que inspiram confiança no ouvinte: (i) a prudência (*phrónesis*) é revelada se os argumentos apresentados pelo orador são sábios e razoáveis, o que remete ao *logos*; (ii) a virtude (*areté*) se mostra quando o orador argumenta honesta e sinceramente, o que está ligado ao *ethos*; (iii) a benevolência (*eúnoia*) é observada se o orador se mostra solidário e amável com seus ouvintes, o que se associa ao *pathos*.

Declercq (1992, p. 51), por sua vez, corrobora essa leitura ao afirmar que “o *ethos* se articula com o *pathos*, pois a representação das virtudes morais induz emoções no auditório”<sup>9</sup>. Ilustremos isso, retomando um fato que foi amplamente divulgado pela imprensa brasileira. Masataka Ota, um pai que

<sup>9</sup> No original: [...] l’*ethos* s’articule en effet au *pathos*, car la représentation des vertus morales induit des émotions chez l’auditoire (DECLERCQ, 1992, p. 51).

teve seu filho de oito anos sequestrado e assassinado por três vigilantes de sua própria loja, passou a visitar os criminosos na prisão para conversar, saber como eles sentiam-se, levar-lhes alimentos, dar o seu perdão. Todas essas suas ações definem traços de caráter de um indivíduo que, ao conceder entrevistas às emissoras de televisão, às rádios e aos jornais, constitui-se, do ponto de vista discursivo, em um enunciador que tem como coenunciador o público desses veículos de comunicação. As virtudes morais apresentadas por esse enunciador são valorizadas positivamente pela sociedade brasileira, que compartilha valores cristãos tais como o amor ao próximo, a resignação e o perdão; no entanto, o contexto situacional lhe é tão adverso que tais atitudes sobrevalorizam seu caráter e, conseqüentemente, afeta a compreensão e o julgamento do público por causar emoção.

Nessa mesma linha de raciocínio, podemos citar Meyer (2000), que contribui da seguinte forma:

As paixões são ao mesmo tempo modos de ser (que remetem ao *ethos* e determinam um caráter) e respostas a modos de ser (o ajustamento ao outro). Daí a impressão de que as paixões nada têm de interativo, sendo somente estados afetivos próprios da pessoa como tal. A confusão, porém, permanece (p. XLVII).

A esse respeito, tomemos, por exemplo, o discurso epidítico de Brutus em razão do funeral de Caio Júlio César. Brutus evoca os valores democráticos compartilhados pelos romanos para justificar os motivos que o levaram a conspirar e a participar do assassinato de César no Senado. O modo de ser de Brutus ajusta-se ao modo de ser do povo romano, que, comovido pela perda de seu líder, sente a necessidade de fazer justiça contra os responsáveis por sua morte. Em seu discurso, Brutus afirma que todos estavam diante do corpo de um grande homem que não mediou esforços para consolidar a república, e que sua morte foi necessária para que a tirania

não voltasse a se instalar em Roma. Em outros termos, justifica-se aí o assassinato de Júlio César em nome dos ideais propugnados pela própria vítima e comungados por toda aquela sociedade. Assim, desse ajustamento, emanam não as paixões como a cólera ou a vingança, mas sim as da resignação, da aceitação passiva de uma perda ou um dano sem o sentimento da revolta.

Em suma, considerando que, para Aristóteles, as noções de *ethos* e de *pathos* constituem, juntamente, as provas subjetivas, remetendo àquilo que é próprio à dimensão subjetiva da linguagem, devemos ter em mente a influência que o *pathos* exerce sobre o *ethos* no processo de construção do discurso. Aliamos, portanto, a ideia de *pathos* como o conjunto de emoções causadas pelo discurso no destinatário da enunciação à ideia de *pathos* como dimensão discursiva que afeta a construção do *ethos* e, conseqüentemente, suas noções conexas (*anti-ethos*, incorporação etc.).

### ***Ethos e pathos: noções associadas ao sujeito do discurso***

Como último tópico de nossa abordagem, queremos apontar como o *ethos* e o *pathos* são noções privilegiadas nos estudos preocupados com a interface entre discurso e argumentação, ao associá-las a um conceito muito caro à Análise do Discurso: o sujeito discursivo.

São inúmeros os trabalhos, tanto os que focalizam a argumentação, quanto os que se preocupam com o discurso, que se voltam às noções de *ethos* e de *pathos*. Todavia, os mesmos nem sempre chegam a comungar de uma mesma concepção sobre a natureza e a aplicação dessas duas noções originalmente retóricas. De modo geral, entendemos que essa problemática pode ser observada em duas tendências opostas. Vejamos.

Há teorias do discurso que interpretam o *ethos* e o *pathos* como partes de um jogo de estratégias arquitetadas por um orador que visa



conscientemente a persuadir seu ouvinte, porque, entre outras razões, tais teorias operam – mesmo que não afirmem ou não desenvolvam uma teoria a respeito – com um sujeito consciente, intencional e centro gerador de sentidos, isto é, compreendem o sujeito em sua homogeneidade.

Por outro lado, há teorias que tendem a relativizar essa visão mais técnica do *ethos* e do *pathos*, atribuindo-lhes um estatuto pragmático, social, histórico, comunicacional, enunciativo, discursivo. Concebem aí o sujeito do discurso como efeito de sentido.

Concentremo-nos nessa segunda perspectiva de estudo. Jacqueline Authier-Revuz (1990, 2004) apresenta e detalha a noção de heterogeneidade enunciativa, apoiando-se (i) no conceito de dialogismo postulado por Bakhtin e (ii) na noção de sujeito e sua relação com a linguagem veiculada pela releitura de Freud feita por Lacan. A autora distingue duas formas de heterogeneidade, a saber: uma constitutiva e outra mostrada. A concepção de uma heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso recobre a ideia de que o Outro está constitutivamente no sujeito e no seu discurso, enquanto que a noção de heterogeneidade mostrada abarca as formas que inscrevem o Outro no fio discursivo e representam a negociação do sujeito enunciativo com a heterogeneidade constitutiva de seu discurso.

No que diz respeito ao sujeito, mais especificamente, essa distinção implica em que, na heterogeneidade constitutiva, o discurso é construído de modo que a “ilusão de centralidade do sujeito” pareça prevalecer, ao passo que, na heterogeneidade mostrada, essa centralidade – que é ilusória – se altere e revele de maneira explícita a presença do discurso do Outro no discurso do Mesmo. Assim, Authier-Revuz (2004) articula sua teoria da heterogeneidade enunciativa a uma teoria do descentramento do sujeito,

destacando que sujeito é um efeito de linguagem, de discurso, que não existe fora da ilusão de centralidade:

[...] para um sujeito dividido, “clivado”, (e não “desdobrado”) não há centro, de onde emanariam em particular o sentido e a fala, fora da ilusão do fantasma; mas manter esta ilusão de um centro é a função necessária e normal do eu para o sujeito (p. 69).

A perspectiva enunciativa de Authier-Revuz não se distancia da abordagem materialista desenvolvida por Michel Pêcheux (1997), que, ao distinguir entre concepção idealista e concepção materialista do sujeito, aponta que o erro central da visão idealista consiste em:

[...] considerar as ideologias como idéias e não como forças materiais e [...] em conceber que elas têm sua origem nos sujeitos, quando na verdade elas ‘constituem os indivíduos em sujeitos’, para retomar a expressão de L. Althusser” (p. 129).

E, não obstante às formulações de Pêcheux, Eni Orlandi (2007) procura enfatizar também que a língua é o meio de constituição desse sujeito, argumentando que “ao inscrever-se na língua o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, daí resultando uma forma sujeito histórica” (p. 11).

Igualmente, Brandão (2004) corrobora esse ponto de vista ao afirmar que:

[...] há uma heterogeneidade que é constitutiva do próprio discurso e que é produzida pela dispersão do sujeito. Essa heterogeneidade, entretanto, é trabalhada pelo locutor de tal forma que, impulsionado por uma “vontade totalizante” faz com que o texto adquira, na forma de um concerto polifônico, uma unidade, uma coerência, quer harmonizando as diferentes vozes, quer “apagando” as vozes discordantes (p. 83).

Nesse contexto teórico, compreendemos que o *ethos* e o *pathos* são noções que tendem

a reforçar a ilusão de centralidade desse sujeito do discurso, uma vez que o *ethos* está associado à imagem do enunciador, da instância subjetiva responsável pela enunciação do discurso, enquanto que o *pathos* está relacionado com as emoções provocadas pelo enunciador em seu coenunciador, o que faz ressaltar o efeito de sentido de individuação dos participantes da enunciação. Todavia, em Análise do Discurso, *ethos* e *pathos* só podem ser entendidos como efeitos de sentido vinculados a um sujeito do discurso cindido e descentrado: *ethos* e *pathos* reforçam os traços de identificação do sujeito, mas somente são construídos por meio daquilo que é constitutivamente discursivo.

### Considerações finais

Os apontamentos que fizemos neste trabalho tiveram a intenção de ressaltar a dimensão subjetiva da argumentação e do discurso, tanto na Retórica, quanto em suas disciplinas herdeiras, a Argumentação e a Análise do Discurso. Mostramos também que *ethos* e *pathos* são noções privilegiadas para a integração da argumentação e do discurso, uma vez que o quadro teórico formulado por Maingueneau (1997, 2005, 2011) e Amossy (2007) apreende a argumentação como dimensão de uma prática discursiva situada em um contexto sócio-histórico.

Nessa ótica, fundamentamos uma breve discussão sobre a relação intrínseca entre *pathos* e *ethos*, a fim de ressaltar a influência que as paixões exercem sobre a construção da imagem do enunciador no discurso. Ao definir a natureza das paixões como objeto dos estudos discursivos, situamos o lugar do analista do discurso diante do exame das paixões.

Por fim, discutimos como se associam as noções de *ethos* e *pathos* ao já bastante discutido conceito de sujeito discursivo, baseando-nos, sobretudo, nos postulados de Authier-Revuz (1990, 2004). Sublinhamos

que, num quadro de Análise do Discurso, essas duas noções herdadas da Retórica devem ser encaradas como efeitos de sentido atribuídos ao sujeito discursivo. Se a imagem de si produz um efeito de individuação, destacando um ser dentro de uma população, isso ocorre porque a confiança no orador é, de fato, um dos principais elementos de persuasão, e, principalmente, porque a prática discursiva atribui valores positivos e negativos a certos estereótipos, oferecendo modelos a aderir e a rechaçar a cada grupo social.

### Referências

- AMOSSY, Ruth. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. Tradução de Adriana Zavaglia. **Filologia e linguística portuguesa**, São Paulo, n. 9, p. 121-146, 2007.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior; Paulo Farmhouse Alberto; Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Retórica das paixões**. Tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução de Celene M. Cruz; João Wanderley Geraldi. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n.19, p. 25-42, jul./dez.1990.
- \_\_\_\_\_. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: \_\_\_\_\_. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Revisão da Tradução de Leci Borges Barbisan et al. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. p. 11-80.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2.ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Pathos* e discurso político. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William;

MENDES, Emília. **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 240-251.

\_\_\_\_\_. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Org.). **As emoções no discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. v.2. p. 23-56.

DECLERCQ, Gilles. **L'art d'argumenter**: structures rhétoriques et littéraires. Paris: Editions Universitaires, 1992.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz; Fabiana Komesu; Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. p. 29-56.

FERREIRA, Moisés Olímpio. Estudo do discurso religioso sob a perspectiva da *Nova Retórica*. In: GARCIA, B.R.V. et al. (Org.). **Análises do Discurso**: o diálogo entre as várias tendências na USP. São Paulo: Paulistana Editora, 2009. Disponível em: <http://www.epedusp.org>

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz; Fabiana Komesu; Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

\_\_\_\_\_. Argumentação e Análise do Discurso: reflexões a partir da segunda Provincial. Tradução de Eduardo Lopes Piris; Moisés Olímpio Ferreira. In: BARONAS, Roberto Leiser; MIOTELLO, Valdemir (Orgs.). **Análise de Discurso**: teorizações e métodos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 69-86.

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. In: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Tradução do grego de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. XVII-LI.

MOSCA, Lineide Salvador. A teoria perelmaniana e a questão da afetividade. In: OLIVEIRA, Eduardo Chagas (Org.). **Chaim Perelman**: direito, retórica e teoria da argumentação. Feira de Santana:

Universidade Estadual de Feira de Santana/Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa em Filosofia, 2004. p. 129-140.

\_\_\_\_\_. O espaço tensivo da controvérsia: uma abordagem discursivo-argumentativa. **Filologia e linguística portuguesa**, São Paulo, n.9, p. 293-310, 2007.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Análise do Discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 11-20.

PARRET, Herman. O *pathos* razoável. In: \_\_\_\_\_. **A estética da comunicação**: além da pragmática. Tradução de Roberta Pires de Oliveira. Campinas: Ed.Unicamp, 1997. p. 107-133.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Tradução de Eni P. Orlandi et al. Campinas: Ed.UNICAMP, 1997.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [*Traité de l'argumentation*. La nouvelle rhétorique. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 1958].

PLANTIN, Christian. **L'argumentation**. Paris: Seuil, 1996.

\_\_\_\_\_. Structures verbales de l'émotion parlée et de la parole émue. In: COLLETTA, Jean-Marc; TCHERKASSOF, Anna (dir.). **Les émotions**. Cognition, langage et développement. Liège: Mardaga, 2003, p. 97-130.

PLEBE, Armando. **Breve história da retórica antiga**. Tradução de Gilda Naécia Maciel de Barros. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1978.

\_\_\_\_\_; EMANUELE, Pietro. **Manual de retórica**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

TOULMIN, Stephen E. **Os usos do argumento**. 2. ed. Tradução de Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2006. [*The uses of argument*. Cambridge: Cambridge, 1958].